Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

NOVA SÉRIE

BELÉM - PARÁ - BRASIL

ANTROPOLOGIA N.º 22 JUNHO, 30, 1964

NOTAS SÔBRE A ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS XIRIÂNA DO RIO URARICAÁ (*)

ERNESTO MIGLIAZZA

INTRODUÇÃO [1]

A família lingüística Xirianá [2] tem cêrca de 5.000 falantes vivendo numa área aproximadamente circular em cujo centro fica a serra de Parima, no limite entre o Brasil e a Venezuela, num raio de 250 km. Os falantes Xirianá estão divididos em

---

(*) — Tradução de Miriam Lemle, do Museu Nacional, diretamente do original inglês.

(1) — Êste trabalho não deve ser considerado uma exposição completa da organização social Xiriâna, e sim um trabalho preliminar. O autor pretente prosseguir a pesquisa de campo a fim de ampliar a presente contribuição. Tôdas as informações aqui contidas foram colhidas durante uma estada de três anos entre os Xiriâna do rio Uraricaá, e conferidas de forma direta empregando a língua Xiriâna, sem uso de intérprete. Religião, xamanismo e festividades não são descritos aquí, mas serão parte de um trabalho a ser pròximamente elaborado pelo autor.

(2) — O autor usa o têrmo tradicional *Xirianá* para designar a filiação étnica dos Xiriâna do rio Uraricaá, discordando da sugestão de Hans Becher, (*Die Surára und Pakidái,* 1960, cap. III), que propôs a introdução do têrmo *Yanonámi* ou *Yanoáma* para designar todo o grupo cultural e lingüístico a que pertencem êstes índios, em virtude de já estar consagrado na literatura o têrmo *Xirianá*. O têrmo *Yanonámi* mencionado por Becher e que no Xiriâna do rio Uraricaá é *ninam,* significa "gente", "pessoa" ou "povo". Na cultura Xirianá há distinção entre a gente ou pessoas de cultura Xirianá (*ninam* ou *Yanonámi*) e as de outras culturas ou estrangeiros (*napâ*). Os Xirianá marginais (índios em contato com os Karíb) distinguem três tipos de gente : *ninam* = Xirianá, *napã* = Karíb, e *karaywa* ="civilizados" ou "não índios".

pequenos bandos [3] de 30 a 200 ou mais pessoas cada um. Até o fim do século passado êsses bandos apresentavam em comum uma língua franca cantada, usada no comércio e na transmissão de notícias [4]; uma estrutura social com sistema de parentesco de fusão bifurcada, caça e economia de coleta com alguma pesca e nenhuma agricultura, exceto plátano e narcóticos. Hoje em dia os bandos marginais, aquêles situados perto da circunferência da área Xirianá, ainda conservam êstes traços, salvo no que tange a uma economia (sistema adaptativo) modificada, devido ao seu contato com os Karíb e outras tribos, cujo território os bandos Xirianá em migração [5] ocuparam. Os dois bandos Xirianá descritos no presente trabalho constituem um exemplo de bandos Xirianá marginais.

O Grupo de Parentesco

Os Xiriâna do rio Parágua (Venezuela) e do rio Uraricaá (Brasil) [6] formam um grupo de parentesco de aproximadamente 200 pessoas. Êles mesmos se denominam *xirianpuk* ou *xirixanpuk*, *xirixa* significando uma espécie de formiga e *puk* um sufixo de plural para pessoas. Vale a pena assinalar que o têrmo Xiriâna na cultura Xirianá tem a significação de gente boa, mansa, enquanto o têrmo Waiká ou Guaiká é um apelido para indicar gente braba, valente. Êste é usado por uma tribo

(3) — Para as definições dos têrmos empregados o autor usou o trabalho de G. P. Murdock, *Social Structure*, New York, 1949. Há grupos de bandos geralmente conhecidos como Xiriâna, Waiká, Xamtarí, Guaiká, Parahurí, Yanomaní, etc.

(4) — Os membros de um bando geralmente têm o seu próprio dialeto e entendem o dialeto do bando seguinte (cadeia de dialetos), mas não necessàriamente os de outros bandos mais afastados. Porém entendem a linguagem cantada (Língua Franca) de quase todos os bandos.

(5) — A causa da migração da maioria dêsses bandos foi geralmente a guerra ou o crime.

(6) — As nascentes dêsses dois rios ficam na mesma montanha da Serra Pacaraima que separa o Brasil da Venezuela.

Xirianá para designar uma outra com a qual não simpatiza. O autor fêz investigação entre alguns outros grupos Xirianá situados no Território de Roraima e na Venezuela, taxados de Waiká, mas observou que nenhum grupo queria auto-denominar-se Waiká. Outros grupos denominam os Xiriâna do rio Uraricaá *aywâtâteri* [7] ou seja habitantes da serra *aywâtâ*. Os Xiriâna do rio Parágua são denominados por outros grupos Xirianá *paruap* ou *paruateri* que significa habitantes do rio Parágua. Segundo êles, há três gerações, seus ancentrais constituiam uma "família fraternal extensa", que fugiu dos bandos "waiká" da área Parima e se estabeleceu no território dos Awáke, na parte superior dos rios Uraricaá e Parágua. Os Awáke estavam já em contato com os Makuxí, mais agrícolas, e outras tribos Karíb. Como resultado dessa migração, os Xiriâna acrescentaram alguma agricultura e pesca à sua economia de caça e coleta e passaram de nômades a semi-nômades, dentro de uma área de 180 km² da floresta tropical.

O grupo de parentesco é o maior grupo social a que um Xiriâna pertence. Só o nascimento confere o direito de ser membro do grupo Xiriâna. Como os casamentos são endógamos com respeito ao grupo de parentesco, cada membro pode quase sempre verificar algum tipo de parentesco com qualquer outro membro. Não há líder oficial do grupo de parentesco, embora para efeito de melhor proteção contra ataques inimigos ou feitiçaria êles sigam o conselho de três ou quatro dos homens mais velhos, alguns dos quais são xamãs. Esta liderança não é hereditária.

---

(7) — Na transcrição da língua Xiriâna são empregados, neste trabalho, símbolos com valores aproximados aos da ortografia brasileira. Valores especiais têm os seguintes:

x representa sempre a fricativa álveo-palatal surda com o *ch* de *chá*.
tx representa a africada álveo-palatal surda.
u representa uma vogal que alterna entre alta central e alta posterior não-arredondada.
â representa uma vogal média central não-arredondada.
h representa a fricativa glotal surda como no inglês *hat*.
w e *y* representam semivogais como no inglês *we* e *yes*.
O símbolo (*n*) diante de uma palavra indica que tôdas as vogais desta são nasais.

Tem lugar alternadamente, na área Parágua e na Uraricaá, uma grande festa anual de colheita. Servem-se três ou quatro variedades de bebidas. Os homens aspiram um pó verde que lhes provoca um estado temporário de transe. Esta festa, de quatorze dias de duração, tem por função reunir todos os membros do grupo de parentesco. Ensinam às crianças sua história e mitologia, jogos e três tipos de cantos : *ariroya* (n) *thaw* para garantir prosperidade econômica, *payxara* (n) *thaw*. cantos para dança e *tekoy* (n) *thaw* para garantir saúde física. Outro traço importante da festa é a reconciliação de brigas. Ocasionalmente podem participar dessa festa membros de outro grupo de parentesco.

O Bando

O grupo de parentesco Xiriâna está dividido em dois bandos ou grupos residenciais de parentesco. Os bandos são seminômades, mudando de residências ao menos de dois em dois anos, dentro de uma área limitada, na qual fazem as novas plantações. Suas moradias ficam espalhadas, distando duas a cinco milhas uma da outra. Atualmente há quatro grupos de habitações na área Uraricaá e seis na Parágua. Cada grupo de habitações contém uma família matrilocal extensa. Freqüentemente, uma família matrilocal extensa reduz-se a duas ou três famílias nucleares, devido a mortes. Quando uma família extensa fica reduzida a uma família nuclear, esta se unirá a outra família extensa dentro do bando. A reunião dêsses grupos de habitações dentro de uma área limitada é denominada " bando " no presente trabalho, porque na prática os membros do bando acampam juntos por nove meses do ano e cooperam economicamente. Prestam ajuda mútua na realização das novas plantações. Êles se reunem para festas de caça, para coletar frutas de estação e insetos e para festas sociais, numa das construções em que se localiza a casa comunal redonda. A função primária do bando é econômica. O bando Uraricaá tem três xamãs. O bando do rio Parágua tem um xamã inconteste que também funciona como chefe de guerra. O xamanismo não é necessàriamente hereditário.

Ser membro do bando é mais importante para os Xiriâna do que ser membro da família extensa. Os membros do bando são tão estreitamente aparentados entre si que se torna por vêzes difícil determinar exatamente os membros de uma família extensa. A situação seguinte é típica : perguntou-se a um homem como chamava a mulher do irmão de sua mulher, e êle respondeu *ami,* irmã, em vez de *warima,* cunhada, pois de fato ela era sua meia-irmã antes de casar-se.

O contato entre os dois bandos de grupos de parentesco Xiriâna se faz pelo envio de mensageiros, duas ou três vêzes no ano, para transmitir as notícias, comerciar e convidar para festa de colheita, puberdade, casamento e morte. Nessas ocasiões adotam um tipo de linguagem cantada semelhante ao cantochão.

As brigas e discórdias entre os homens são resolvidas nas festas por meio de discussão, gritos e conselhos de outros homens do bando. As festas locais realizam-se cêrca de cada meia lua, e são oferecidas por uma família nuclear ou extensa. Não há lutas entre homens do mesmo bando. Quando estão presentes homens de um outro bando, e uma briga precisa ser decidida, por vêzes é possível que as palavras não sejam suficientes. Nesse caso, soluciona-se a briga da seguinte maneira : o homem insatisfeito agacha-se, apresenta o peito a diz : "Bate !" O outro homem agacha-se diante dêle e bate-lhe no peito, perto do ombro, com uma pedra pontuda ou um cacête achatado. Após o terceiro golpe a pedra ou cacête é entregue ao oponente, que bate também três vêzes. E assim continuam, até que um dêles desista devido o ferimento ou exaustão. Se aquêle que deseja lutar está fortemente aborrecido, apresentará a cabeça em vez do peito e o outro dá um golpe apenas, com um pau. Êsses golpes mútuos se alternam até que um desmaie. O vencedor de uma luta dessas adquire grande prestígio, e, em tempo de guerra, seus conselhos são levados em conta.

A Família Nuclear

A menor unidade social e econômica entre os Xiriâna é a família constituída por um homem, sua espôsa (ou espôsas) e os filhos. Só pelo nascimento é que se adquire a qualidade de membro de uma família nuclear Xiriâna. Os órfãos adotados nunca são considerados como filhos, e ao atingirem a idade apropriada devem casar-se com um membro da família extensa.

Uma casa Xiriâna contém de uma a cinco ou seis famílias nucleares, tôdas membros da família extensa matrilocal. Cada família nuclear se distingue pelo uso de uma fogueira em tôrno da qual sòmente quem fôr membro daquela família nuclear tem o direito de pendurar sua rêde. Irmãs ou irmãos dos pais, ou filhos casados que vêm de visita à família nuclear, devem acender o seu próprio fogo à noite, ou então pendurar sua rêde no centro da casa, sem fogo algum.

Tanto a autoridade quanto ao trabalho estão distribuidos segundo o sexo e a idade. A espôsa tem plena autoridade sôbre as crianças de menos de sete anos, e sôbre as filhas até que se casem, embora mesmo aí haja certos limites. A espôsa escolhe o lugar para uma nova casa ou plantação. Seu trabalho consiste em coletar lenha para a fogueira, preparar a comida e a bebida, colher, e fazer seus utensílios de cozinha, rêdes, tangas e tipoias.

O marido detem a autoridade sôbre seus filhos depois dos sete anos de idade, e treina-os para as responsabilidades de adulto. Êle caça, pesca, constrói casas, planta e faz cêstos e seus próprios instrumentos. Nas viagens com a família, carrega seus pertences e caça, enquanto a espôsa transporta as coisas da casa e uma criança. Marcham, geralmente, na seguinte ordem : na frente os rapazes carregando suas rêdes, arcos e flechas, em seguida as mulheres e crianças com seus pertences, e finalmente os anciãos com seus pertences. Se estiver presente algum visitante em que a família não confia, êste é mandado na frente. Raramente um só indivíduo realiza o trabalho e a provisão de alimentos. Isso é antes missão quase sempre, de

uma família extensa ou bando. Uma família nuclear, raramente vive afastada de outras famílias ou a sós numa casa.

Teòricamente, um homem Xiriâna pode casar-se com outra mulher, quando a primeira cessa de ter filhos. Porém, há um só caso de poliginia, o de um velho xamã com três espôsas. Todos os demais homens Xiriâna têm uma só espôsa e só se casam novamente em caso de morte da primeira. Nesse caso o sororato é preferencial, embora nem sempre seja possível, por estarem já casadas as irmãs da mulher falecida.

O Sistema de Parentesco

O sistema de parentesco Xiriâna está representado na Fig. 1 para Ego masculino. Um Ego feminino emprega os mesmos têrmos exceto que *tupotxâ* torna-se *warima* ou o nome próprio, e dirige-se a *warima* pelo nome próprio.

As estruturas terminológicas básicas para parentes afins estão apresentadas nas Fig. 2 e 3. Outros parentes não apresentados nos quadros são classificados como parentes distantes e membros do grupo de parentesco, se forem da mesma geração ou mais velhos que Ego. Os mais jovens que Ego são *tasi* e são chamados pelo nome próprio.

Na prática não há parentes distantes dentro do bando, como se demonstrará na Fig. 4.

A terminologia de parentesco Xiriâna é do tipo fusão bifurcada. Há doze têrmos de parentesco vocativos. Dêsses doze, quatro são empregados tanto para vocativo quanto para referência *(warima, xwatxâ, tupotxâ* e (n) *yarotxâ);* dois apresentam têrmos diferentes para referência *(tusâ* e *taana),* cinco recebem o sufixo — txâ "meu" junto ao têrmo vocativo e não tem equivalente para referência, empregando-se aí os nomes próprios.

Os termos *tasi, warima, tupotxâ* e (n) *yarotxâ* raramente se empregam na prática, preferindo-se o nome próprio. O têrmo *warima* é mais empregado particularmente de forma jocosa do que em público.

Os doze têrmos vocativos são todos elementares e são do tipo classificatório, pois se referem a pessoas com mais de uma categoria de parentesco. Apenas um têrmo é recíproco, *taana*.

A madrasta é chamada *nape*, "mãe" e seus filhos *awâ* e *ami* "irmão e irmã".

TÊRMOS DE PARENTESCO

EGO FALANDO		TERCEIRA PESSOA FALANDO	
Vocativo	*Referência*		
papa	papatxâ	(n)pehe e	Pai, e todos que o pai chama de 'irmão"
nape	napetxâ	mene e	Mãe, e todos que a mãe chama de "irmã"
awâ	awâtxâ	peamop e peap e pixyap e	Primogênito / Mais velho / Mais nôvo — Irmão, meio *sibling* do mesmo pai
ami	amitxâ	peamop e peap e pixyap e	Primogênita / Mais velha / Mais nova — Irmã, meio *sibling* do mesmo pai
tusâ	urutxâ urupâ	purup e	Filho, filha.
tasi	(nome próprio)	pitarus e	Neto
txape	txapetxâ	pitxes e	Avó, irmã do pai
xwatxâ	xwatxâ	pixe e	Avô, irmão da mãe
warima	warima heritxâ	peheri e	Membro do grupo de parentesco
taanâ	tuwâtxâ (n)yarotxâ		Pessoa amada, espôsa, marido
tupotxâ	tupotxâ tuwatxá	pertup e	Minha mulher, espôsa, parente
(n)yarotxâ	(n)yarotxâ	(n)piyarop e	Meu homem, marido, parente

O padrasto é chamado *vwatxâ,* "avô" e seus filhos são *warima* e *tupotxâ* "parente masculino e parente feminino".

Há dois têrmos de vocativo para *siblings,* um masculino *awâ* "irmão" e um feminino *ami* "irmã"; porém uma terceira pessoa referindo-se a êles não faz distinção entre *sibling* masculino e feminino, sendo em vez disso a distinção feita entre *peamop e* "seu/sua irmão ou irmã primogênito", *peap e* "seu/sua irmão ou irmã mais velho", *pixyap e* "seu/sua irmão ou irmã mais jovem". A mesma terminologia aplica-se a primos paralelos. Os primos cruzados são na prática considerados parentes distantes e chamados pelo nome.

O quadro de parentes afins (Fig. 2, Ego = masculino) mostra que a irmã da espôsa é chamada *tupotxâ* "minha mulher"; na realidade isso só se verifica enquanto ela é solteira; quando casada, torna-se cunhada e é chamada pelo seu nome próprio.

Todos os membros do bando têm um ou mais nomes pessoais. Êsses nomes não são imediatamente revelados a membros de outro bando ou a estranhos, pois quando uma pessoa conhece o nome próprio de alguém pode transmití-lo ao xamã, possibilitando a realização de feitiçarias contra o portador do nome.

A Fig. 4 mostra a estrutura de parentesco de parte de um bando Xiriâna. A maioria dos membros adultos pertence a mais de uma categoria de parentesco; são chamados pelo têrmo que designa o parentesco mais próximo.

Nascimento

As mulheres casadas Xiriâna ficam grávidas quase todo ano. Tão logo uma mulher sabe que está grávida, ela e o marido observarão uma dieta que proibe determinados alimentos, caso queiram conservar a criança. Os alimentos proibidos são : tôdas as aves para mulher, mutum *paari* para o marido, coró *natoa,* duas espécies de peixe, *mamoru* e *naxinomi,* mingau de tapioca para ambos. Não há restrição nas bebidas. Tão pouco há restrições para o trabalho. O marido toma cuidado para não

se molhar na chuva durante a caça ou a pesca a fim de não prejudicar a saúde da espôsa e da criança não nascida.

Por ocasião do nascimento, apenas a mãe da parturiente tem participação. Iniciando-se as dôres do parto a mulher chama sua mãe, ou se não tiver mãe, a irmã da mãe, mãe da mãe, irmã do marido ou mãe do marido. As duas preparam uma fogueira na floresta, próxima à casa, e a gestante senta num tronco perto do fogo. A mãe dá-lhe água morna para beber. Durante o trabalho do parto, mas antes do nascimento pròpriamente, o xamã canta diante da parturiente ordenando-lhe que beba água morna e expulsando dela o espírito do macaco coatá *baxo-xina,* que poderia com seu rabo reter a criança pelo pescoço, impedindo-lhe a saída. Logo antes do nascimento o xamã se retira.

A criança vem à luz no chão. A acompanhante da gestante corta o cordão com um pedaço afiado de cana *turen us* e limpa a bôca do bebê com o dedo molhado no sangue da placenta. Êste ato garante a capacidade de falar a língua Xiriâna. A criança é lavada externamente com água morna. Enterra-se a placenta no mesmo lugar em que nasceu e criança.

Após o parto a mãe e a criança voltam para casa. A criança é colocada no chão e a acompanhante pula por cima dela três vêzes com um machado no ombro a fim de prevenir que contraia uma febre. Durante o parto o marido permanece deitado na rêde. Quando a mãe retorna com a criança, o pai pode apenas olhá-la sem fazer comentários. Êle não a pode tocar. Em seguida o marido pode sair e pescar, porém se abstém de qualquer outro trabalho por um período que varia de três dias a duas semanas. A espôsa passa o primeiro dia perto do fogo, com a criança nos braços; pode tomar apenas água quente, nenhum alimento; pode sair de perto do fogo para buscar lenha ou para cuidar de suas necessidades pessoais, deixando a criança sòzinha na rêde perto da fogueira. No segundo dia a mãe pode comer mingau quente e beiju de mandioca com água; pode fazer serviços domésticos tais como juntar e cortar lenha, preparar comida para o marido, fiar algodão, etc., mas pelos próximos três meses sua dieta e a do marido se limitará

a mingau quente, pequenos peixes, anta, veado, nunca pássaros ou outros animais. Ninguém mais, nem mesmo o pai, pode visitar a criança ou pegá-la até que possa sentar-se sòzinha: durante êsse período o pai não deve molhar-se quando sai à caça, para que a criança não fique doente.

No caso de uma mulher não desejar a criança, ficará a sós na hora do parto e a matará assim que nascer, enterrando-a no mesmo lugar da floresta. Nesse caso não há necessidade de observar dieta alguma.

Criação dos Filhos

A criação dos filhos fica inteiramente entregue aos pais e avós. Na ausência dêstes, passa àqueles denominados *papa* pai e nape *mãe*, ou seja o irmão do pai, espôsa do irmão do pai, irmã da mãe e marido da irmã da mãe.

Até que a criança possa sentar-se sòzinha ela fica sempre nos braços da mãe, ou sòzinha na rêde perto da fogueira ou, ocasionalmente, é carregada com cuidado por uma irmã mais velha. Nesse período, furam-lhe o lóbulo da orelha com um espinho, deixando um pauzinho no orifício. As meninas recebem também perfurações no queixo, nos lados da bôca e na cartilagem nasal. A mãe perfura o hímen da menina com o dedo médio, repetindo a operação várias vêzes. Enquanto racha lenha, colhe algodão, viaja, cuida da roça ou faz a colheita, a mãe carrega a criança numa tipoia de algodão. Quando a criança já pode sentar-se sòzinha, os parentes e o marido podem cuidar dela.

A mãe tem a responsabilidade de instruir e disciplinar a criança nos primeiros sete ou oito anos. Durante êsse período a mãe ensina-lhes a língua, dá-lhes o nome e mostra-lhes como distinguir as frutas comestíveis das não-comestíveis, os insetos e alimentos preparados que são tabu para êles. Ela os pinta com urucu *narapo* a fim de prevenir doenças e trata dêles ou chama o xamã quando adoece. O pai pode auxiliá-la nessas funções, porém a palavra final é da mãe. O castigo corporal é aplicado pela mãe; geralmente consiste em bater na criança

com uma vara ou uma urtiga. A autoridade materna é geralmente suficientemente respeitada para tornar muito rara a necessidade de castigo corporal.

Quando as crianças atingem os sete ou oito anos de idade, a responsabilidade pela educação fica repartida de acôrdo com o sexo, ficando o pai responsável pela educação do filho e a mãe pela da filha. O pai constrói um pequeno arco e flecha para o filho e adestra-o em seu uso. O brinquedo do menino consistirá em caçar perto de casa com os outros meninos, pescar pequenos peixes e colher frutas. Ensina-lhe a nadar e a mergulhar para pegar um peixe debaixo das pedras com as mãos. O pai manda-o como mensageiro de recados. Nas raras ocasiões em que uma punição se torna necessária, o pai a aplica.

Uma menina depois dos sete ou oito anos de idade continua inteiramente sob os cuidados da mãe. Aprende a ralar mandioca — serviço que requer cêrca de oito horas —, a preparar comida, a buscar água e lenha, a fiar algodão fazendo um cordão fino que serve para fazer rêdes, tipoias para bebê ou tangas. Ela deve ajudar a cuidar dos irmãos e irmãs menores.

Os avós, geralmente os maternos, ficam também em estreito contato com a criança, instruindo-a e orientando-a. Ensinam-lhe a história da tribo e as canções e contam-lhe as histórias mitológicas dos heróis de suas culturas. Contribuem no ensino dos tabus sôbre os alimentos, os venenos, como proteger-se de doenças e feitiços. O interêsse e a autoridade sôbre a criança geralmente não ultrapassa o círculo dos pais e avós maternos, ou, na falta dêstes, os já mencionados acima como responsáveis pela criança.

Puberdade

Ritual de perberdade da moça: assim que começa o primeiro fluxo menstrual, isola-se um canto da casa em que vive a família nuclear por meio de fôlhas de palmeira açaí. A área isolada mede geralmente cêrca de

1,50 m x 1,50 m. A menina entra no cubículo *txaa,* o cabelo cortado curto, e ali fica, sentada no chão perto de uma pequena fogueira, durante um mês, supostamente sem dormir, pois não tem rêde. Tôdas as manhãs antes do alvorecer vai ao riacho ou rio próximo onde a mãe lava-lhe as pernas, passa nelas pimenta vermelha e faz incisões com um osso pontudo. A menina alimenta-se apenas de pequenos peixes e bananas, que lhe são passados pela mãe na ponta de uma vara. Durante êsse período ela não pode falar alto e não deve olhar para os homens. Só à noite pode sair para cuidar de suas necessidades corporais.

No início do segundo período a menina volta ao cubículo, porém, apenas por poucos dias. Ao término do período menstrual, a mãe dá uma festa denominada *naxi,* ou festa do beiju de mandioca, na qual se serve bebida de mandioca sòmente às mulheres. Após isto, a menina prepara sua própria bebida de mandioca, e depois de alguns dias ela mesma oferece uma festa só para os homens. Feito isto ela pode ser pedida em casamento e ter relações sexuais com o marido. Durante as menstruações seguintes, ela não vai para o cubículo, mas fica sentada dentro de casa.

Festa de iniciação dos rapazes : numa dada época, quando um rapaz tem entre dez e quatorze anos, e quando os pais disponham de possibilidade, o pai anuncia uma festa para o rapaz. A família do rapaz é encarregada de obter a comida e a bebida de mandioca fermentada. Todos os membros do grupo local comparecem à festa. O rapaz para o qual se faz a festa não pode beber. Durante a festa o xamã escarifica o músculo do braço do rapaz com o dente de uma cascavel *mamhoremak* molhado no sangue do pássaro mutum *paari.* Findo êste ato, todos congratulam-se com o menino, dizendo : "agora você pode ir caçar e pescar como os adultos. Você é como um homem agora". No dia seguinte, o menino sai a caçar ou pescar sòzinho.

Dêsse dia em diante, adotando o costume dos homens o rapaz poderá levar na bôca uma fôlha de tabaco enrolada com cinza, entre os lábios e os dentes.

Recomenda-se ao rapaz que não coma a carne do animal que êle mesmo caçou e sim que a entregue à família ou companheiros de caçada, pois acredita-se que se êle próprio a comer, perderá a habilidade de caçador.

Em festas posteriores os rapazes que já foram iniciados submetem-se a novas escarificações dos braços a fim de melhorar sua habilidade na caça. Essas escarificações subseqüentes são feitas com o ferrão do rabo de arraia e com uma lasca pontuda da palmeira de paxiuba mergulhada no veneno obtido das costas de um sapo *papahon*.

Casamento

Os jovens Xiriâna têm hoje maior liberdade na escolha do casamento do que costumavam ter, disse um informante. No entanto, mesmo atualmente o fator primordial de regulamentação reside na posição dentro da família nuclear. Um rapaz escolhe sua espôsa dentre os membros do seu grupo de parentesco a quem se dirige por *tupotxâ* ou pelo nome. Do mesmo modo uma moça só pode casar-se com aquêles a quem se dirige por *warima* ou pelo nome.

Quando uma moça gosta de dado rapaz, procura fazer com que êle saiba do seu interêsse através das amigas. Por outro lado, quando um rapaz está interessado numa moça, seja antes ou depois da puberdade, êle é gentil para ela e seus pais, visitando-os a fim de descobrir, de maneira indireta, se êles têm outros planos para a filha e, caso tiverem, êle desiste.

A idade do casamento para o homem é depois da iniciação, quando êle já pode caçar e pescar. A moça pode ser pedida em casamento antes da puberdade. Exceto em dois casos, em que a mulher era viúva, o marido é sempre mais velho que a espôsa.

Não há cortejamento direto, mas quando um rapaz está definitivamente decidido por uma determinada moça, dirige-se-lhe diretamente.

" (*n*) Kaho we pexman "	— Eu gosto de você (quero você)
" Karuthâ "	— O que é isso ?
" (*n*) Kaho we totehipo txaro "	— Sinto solidão por você.
" Karuthâ "	— O que é isso ?
" (*n*)Kaho we pexman "	— Eu gosto de você (quero você).
" Haykioita "	— Está bem.
" We napopi ihi "	— Vamos casar ?
" Haykioita "	— Está bem.
" Weet (*n*) wari papaho irih "	— Vamos pedir a meu pai.

A moça dirige-se ao pai e pergunta-lhe o que deseja do seu futuro marido. Os presentes costumeiros são objetos do mundo exterior, tais como machados, facões, facas, panelas de alumínio, etc.. O genro é obrigado também a prestar certos serviços ao sogro, tais como ajudá-lo a fazer plantações, construir casas e caçar muito para êle enquanto viver. À futura sogra, o genro dará pano vermelho para tangas, e às irmãs da mãe e irmãos do pai da futura espôsa, também dará presentes. Em compensação a moça dá uma rêde ao pai do rapaz e novelos de fios de algodão à mãe. Os presentes não são dados todos de imediato, e sim pouco a pouco, depois do casamento, à medida que os puderem obter ou desincumbir-se da obrigação. Por exemplo, para conseguir machados, facões, etc., o rapaz precisa construir uma canoa e remar 150 milhas rio abaixo para vendê-la aos índios Makuxí (Karíb) civilizados, em troca dos objetos dos homens brancos.

Três dias após o pedido, o casamento tem lugar na casa dos pais da noiva. A mãe da noiva prepara (*n*) *ariuk*, bebida de mandioca fermentada, e o pai do noivo sai à caça com todos os homens do lugar para obter carne. Durante a festa o casal não bebe até que um velho xamã ou outro ancião os

exorte a viverem juntos, e o rapaz a não beber em excesso. Em seguida cada um recebe uma cuia de bebida de mandioca, todos cantam as canções *tokoy* e no fim o casal é servido de mais uma cuia de bebida de mandioca.

Os recém-casados vão viver na casa do pai da noiva sem qualquer relação sexual até que os homens da família extensa (grupo local) construam uma casa para êles e façam uma pequena plantação. Quando a casa e a plantação estão prontas, o casal dá uma festa; daí por diante vão viver em sua própria casa. Durante os primeiros anos o casal mora perto dos pais da mulher a fim de que o genro possa cumprir suas obrigações para com o sogro. Nos anos seguintes o casal não é mais obrigado a morar perto dos parentes da mulher, mas devem voltar a ajudá-los tôdas as vêzes que se lhes pedir. Na prática, porém, o marido deve construir sua casa onde sua mulher preferir, e como a casa fica sempre dentro ou perto da clareira para a roça, esta também fica num ponto escolhido por ela. Naturalmente a mulher escolhe um lugar próximo a sua mãe. Freqüentemente o casal vive na mesma casa que os pais da mulher. No caso de morte dos pais da mulher, esta geralmente escolhe morar perto do seu irmão mais velho.

São raras as brigas entre marido e mulher. Geralmente as brigas são a respeito de comida, e apenas poucas palavras trocadas entre os dois.

Espera-se de uma viúva que ela dê preferência, na escolha de um novo companheiro, aos irmãos do marido, caso não estejam já casados. O mesmo ocorre com o viúvo : deve dar preferência às irmãs solteiras da espôsa.

Um homem pode separar-se da espôsa por ela ser preguiçosa ou infiel. Isto, porém, é raro; no momento há apenas um caso em todo o grupo de parentesco, constituído de 35 casais. Quando um homem resolve abandonar a espôsa, êle vai embora com as crianças sem dizer uma palavra à espôsa ou a sua família (uma criança ainda em amamentação não é levada. O marido voltará a buscá-la depois de desmamada). Num caso dêstes, a mãe da mulher fica mais aborrecida com

o marido do que o pai, mas ninguém no grupo de parentesco pensa em vingar-se. O homem que se separa da espôsa vai viver com o outro bando.

Morte

Quando alguém morre de doença, o xamã acusa o xamã de algum outro grupo de parentesco de ter provocado a morte por meio de feitiço contra o seu grupo. Consideram-se naturais os outros tipos de morte.

Logo que o falecimento ocorre os membros do bando se juntam perto da casa em que o fato aconteceu. Os parentes mais próximos do morto, ou seja o marido ou espôsa, irmãos e irmãs, e pais do morto, ficam dentro da casa e começam a chorar de forma cantada. O irmão ou irmã mais próximo do morto canta a parte do solo, os demais respondem em côro. O canto do solista consiste de comentários sôbre os belos feitos do morto. Os outros respondem com uma lamentação cantada.

O bando faz velório a noite inteira. Imediatamente antes de alvorecer o corpo é colocado numa cêsta *taros*, e alguns homens que não sejam parentes próximos levam-no de canoa três ou quatro milhas rio abaixo, até um ponto indicado pelo parente mais próximo do morto. Ali, os homens constroem uma esteira de varas de uma ou duas polegadas de diâmetro, amarradas com cipó. Retiram o corpo, a rêde e a tanga de dentro da cêsta. Colocam o corpo na esteira e enrolam-no nela. Amarram então com cipós o invólucro assim formado e suspendem-no a dois ou três metros do chão numa estrutura triangular de paus presa às árvores. Nêsse mesmo lugar enterram a rêde, a tanga e a cêsta do morto.

Uma semana mais tarde, os homens que transportaram o corpo retornam ao mesmo lugar. Acendem uma fogueira e descem o corpo para dentro dela. Depois de queimar o corpo, reunem os ossos queimados numa cêsta e levam-no para os parentes mais próximos do morto.

Como alternativa, pode-se também, se os parentes o preferirem, em vez de pendurar o corpo numa esteira de varas du-

rante uma semana, enterrá-lo no lugar indicado e revolvê-lo uma semana depois para queimar.

Durante uma lua os parentes do morto continuam as lamentações, tôdas as noites, por algumas horas. Durante êsse período, êles negligenciam também seus cuidados com a alimentação e o banho.

Passada pouco mais de uma lua, a família do morto dá uma festa de fim de luto. Um ou dois dias antes da festa, os homens se pintam com urucu e enfeitam os rostos com pequenas penas (para evitar doenças provocadas pelos espíritos da morte) e, depois de mandar para fora da casa as mulheres e crianças, trituram os ossos queimados até virarem pó. A família conserva êsse pó; dando-o mais tarde às crianças, misturado com bebida fermentada de cará, para garantir saúde e habilidade no falar.

A festa de fim de luto, denominada *naxay wau* consiste na distribuição, pelos familiares próximos, de grande quantidade de beiju de mandioca e carne assada a tôdas as famílias nucleares do bando. Depois serve-se bebida fermentada de cará. Os familiares próximos não comem, mas podem beber. Cêrca de um ano mais tarde, faz-se uma festa semelhante.

Não se observa luto quando o morto é um recém-nascido que a própria mãe matou ou uma criança de menos de um mês de idade. Algumas vêzes, quando morre uma criança muito pequena, a casa é queimada com o corpo dentro, e a família se transfere, a fim de evitar a disseminação do mal.

BIBLIOGRAFIA

ARMELLADA, FRAY C. & MATALLANA, FRAY B.
1942 — Exploracion del Paragua. *Bol. Soc. Venezolana Ciencia Nat.* Vol. 8, N.º 53, Caracas.

BARKER, JAMES
1953 — Memorias sobre la cultura de los Guaica. *Boletin Indigenista Venezolano,* Tomo I, N.º 3-4, Caracas.

BECHER, HANS
1960 — Die Surára und Pakidái, Zwei Yanonámi-Staemme in Nordwestbrasilien. *Mitteilungen aus dem Museum für Voelkerkunde in Hamburg*. XXVI. Komissionsverlag Cram, De Gruyter & Co. Hamburg.

KOCK-GRUNBERG, THEODOR
1917 — Vom Roroima zum Orinoco, Ergebnisse einer Reise in Nord-Brasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913. D. Reimer, Berlin.

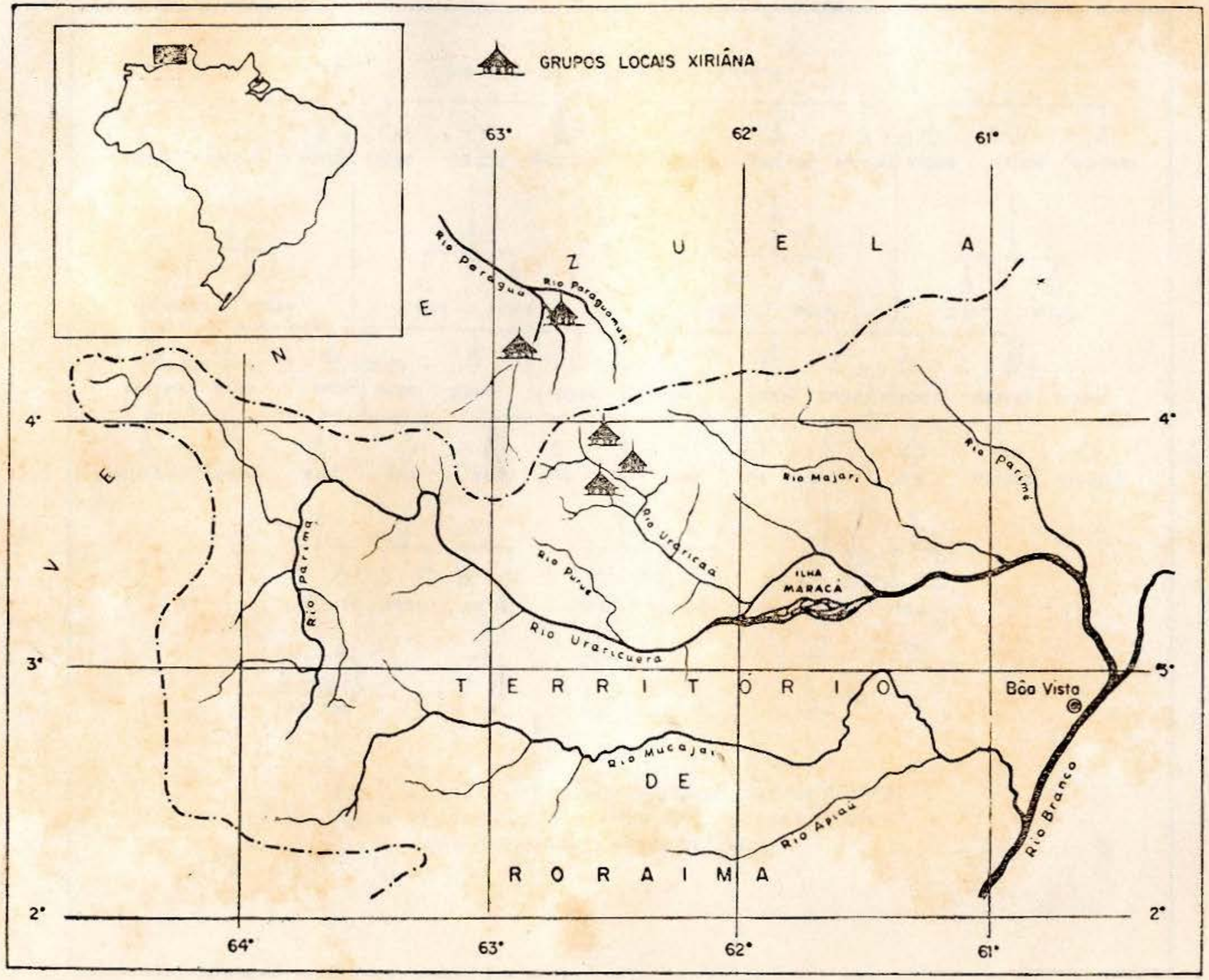
MIGLIAZZA, ERNESTO & GRIME, JOSEPH
1961 — Shiriana Phonology. , *Anthropological Linguistics,* June 1961, Bloomington, Indiana.

MURDOCK, GEORGE PETER
1949 — Social Structure. The Macmillan Company, New York.

RICE, ALEXANDER HAMILTON
1949 — Expedição ao rio Branco, Uraricuera e Parima (1924-1925). (Tradução) *Anais da comissão especial do Plano de Valorização Econômica da Amazônia,* Vol. 3, pag. 21-135.

ZERRIES, OTTO
1925 — Some aspects of Waica culture. *Anais do XXXI Congresso Internacional Americanistas,* pág. 73-88, São Paulo.
— Das Lasha-Fest der Waika-Indianer. *Die Umschau in Wissenschaft und Tecnik,* 55. Jahrg., 21. helft, pág. 662-665. Frankfurt/Main.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org



Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

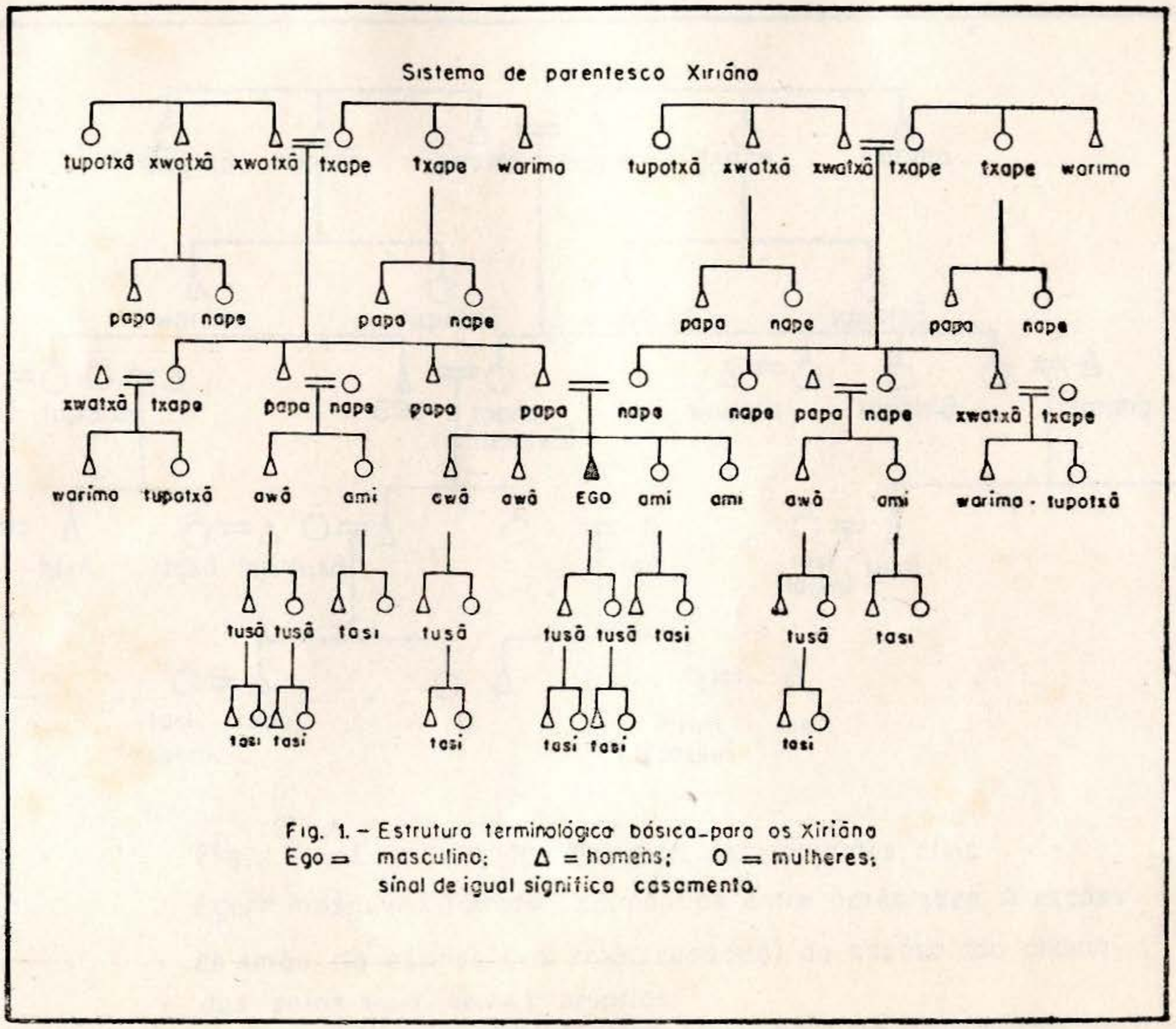


Fig. 1. – Estrutura terminológica básica-para os Xiriâna
Ego = masculino; Δ = homens; O = mulheres;
sinal de igual significa casamento.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

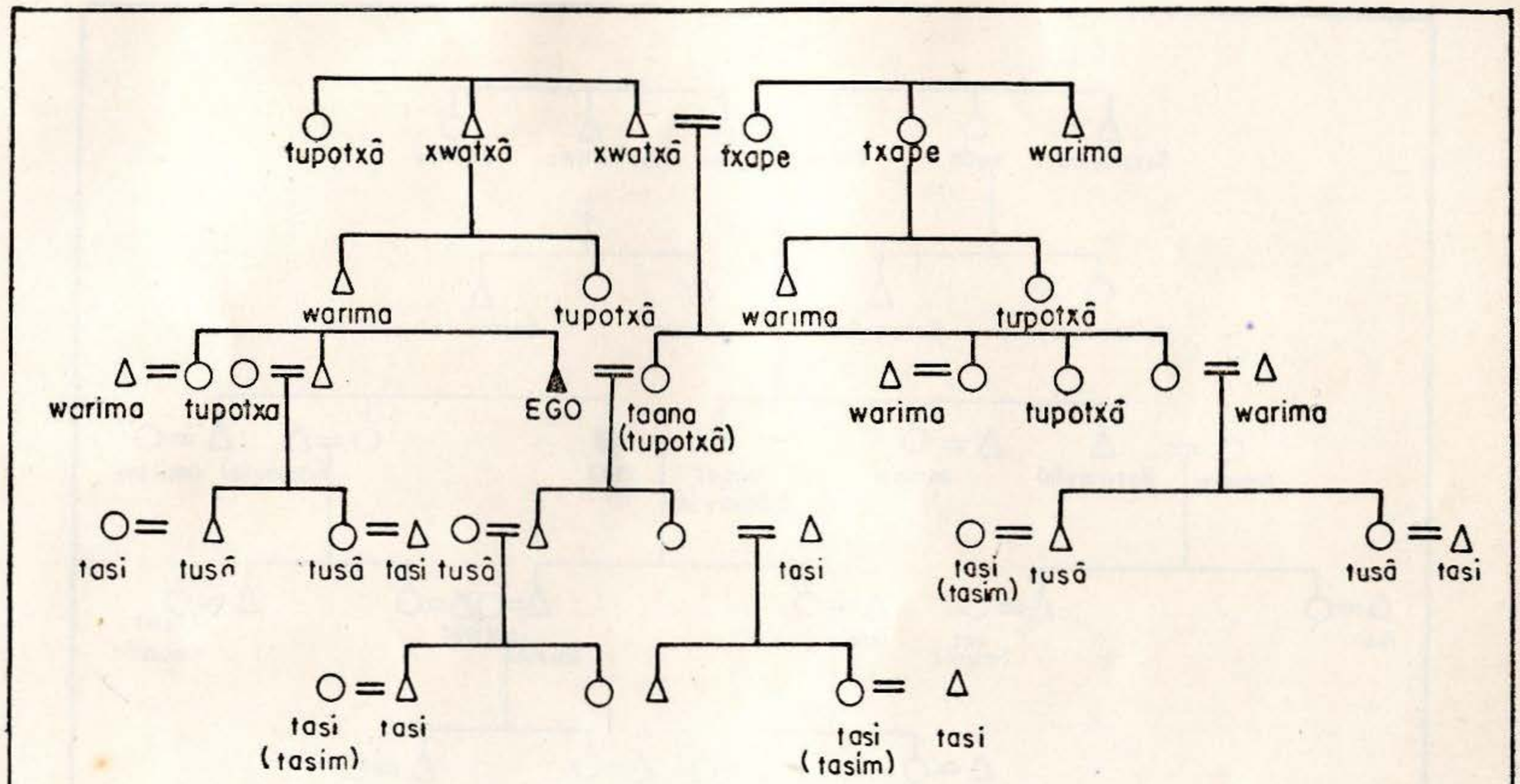


Fig. 2. — Estrutura terminológica para parentes afins

Ego. = masculino. Têrmos secundários entre parênteses. A espôsa do irmão da espôsa e a irmã (casada) da espôsa são chamadas pelos seus nomes próprios.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

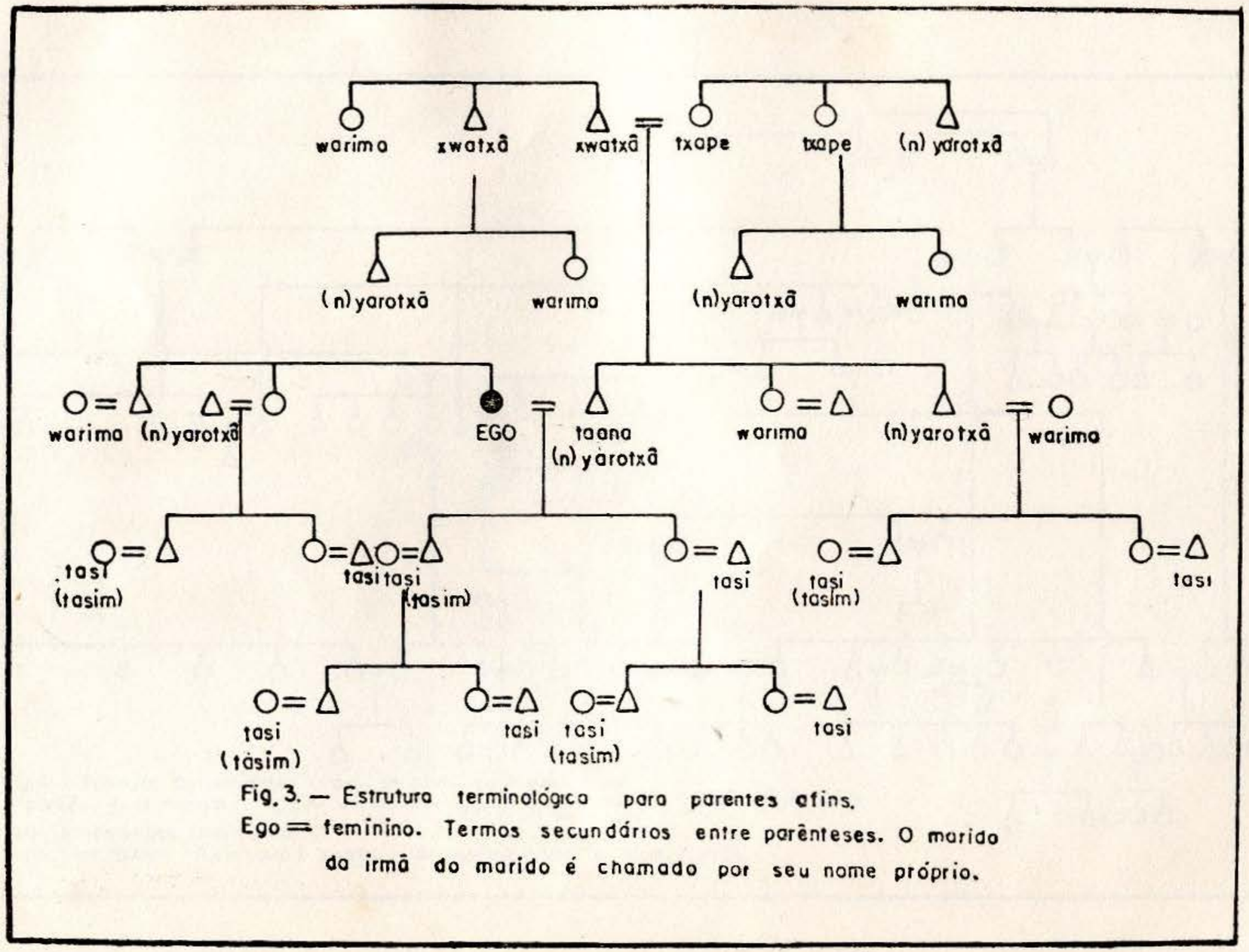


Fig. 3. — Estrutura terminológica para parentes afins.
Ego = feminino. Termos secundários entre parênteses. O marido da irmã do marido é chamado por seu nome próprio.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

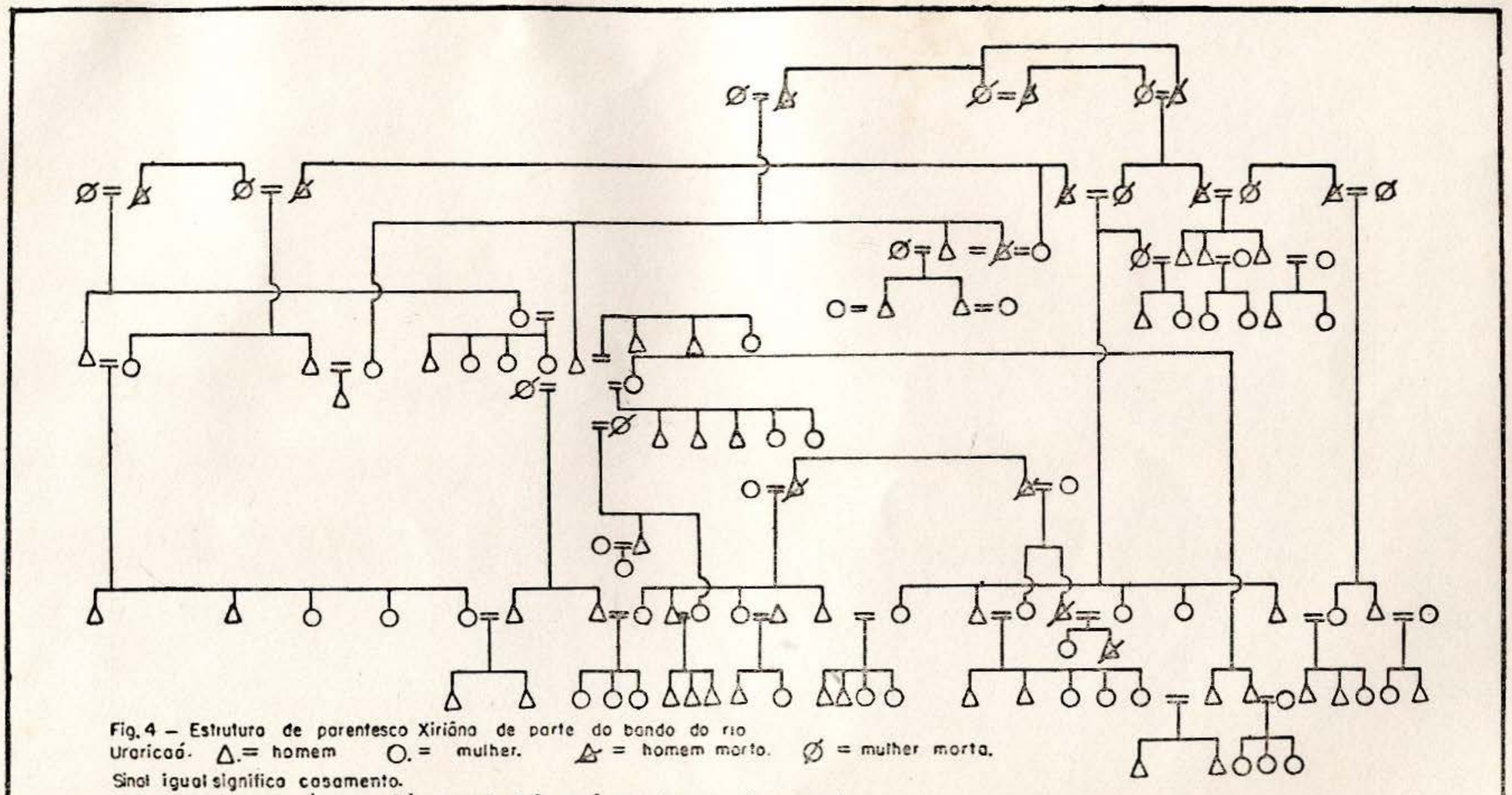


Fig. 4 — Estrutura de parentesco Xiriâna de parte do bando do rio Uraricoá. △.= homem ○.= mulher. ◬ = homem morto. ∅ = mulher morta.
Sinal igual significa casamento.
Nota. um homem (um xamã) possui três espôsas vivas e duas mortas.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

FALANGOLA

Imprimiu